

A FILOSOFIA NA VISÃO DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

Maria Cinthia Marques Viana¹, Maria Dulcinea da S. Loureiro²

Resumo: Com as mudanças que estão sendo implementadas na educação no Brasil, a obrigatoriedade da disciplina Filosofia no ensino médio, conquistada em 2008, é novamente questionada. Nessa perspectiva, investigar como os jovens dão significado aos conhecimentos adquiridos no seu percurso formativo no nível médio e qual o sentido que atribuem ao saber filosófico se faz urgente e necessário. A pesquisa de abordagem qualitativa, utiliza a técnica de investigação de grupos focais - GF. Na realização do grupo focal apresentamos para discussão a animação da alegoria da caverna que está na abertura do filme “*Educação proibida*”. Em suas intervenções os jovens declararam que a “caverna” representa tudo o que aprisiona os jovens, os preconceitos, a alienação, seus medos, nessa perspectiva, afirmam que existem muitas cavernas na sociedade em que vivemos e que a filosofia, pode contribuir para libertar das correntes que nos aprisionam na ignorância.

Palavras-chave: Jovens. Formação filosófica. Ensino Médio. Alegoria da Caverna.

1. Introdução

Pensar a Filosofia no ensino médio requer uma reflexão sobre o projeto de formação que a sociedade considera importante para inserir as novas gerações no universo da cultura, da política e do trabalho. Desse modo, não podemos dissociar essa discussão de uma compreensão sobre qual a finalidade do Ensino Médio, o que requer um olhar para as proposições que normatizam esse nível de ensino, tanto nos seus aspectos jurídicos, como políticos, sociais e suas implicações na formação das novas gerações, num momento em que a existência da Filosofia como disciplina obrigatória, está novamente sendo questionada. Segundo Severino (2002), não podemos negar aos jovens a formação filosófica, pois é necessário fazer com que os jovens compreendam o sentido da formação filosófica em suas vidas, para ampliar sua compreensão de mundo, e de si mesmo, como também do que está por trás de sua inserção no universo do trabalho e de sua ação neste contexto mais amplo. Somente fazendo o jovem desenvolver essa compreensão é que este pode entender a importância do ensino de filosofia e se envolver nesse processo.

Observa-se de modo geral que apesar dos avanços no tocante a constituição da identidade da disciplina no ensino médio, há um longo caminho a ser percorrido para que possa assumir o papel formador e contribuir efetivamente na formação crítica dos jovens. Nessa perspectiva nos questionamos: Como os jovens que

1 Universidade Regional do Cariri, email: cinthiamarques33@gmail.com

2 Universidade Federal do Cariri, email: mdslou@uol.com.br

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

estão no ensino médio pensam sua formação? Qual sentido atribuem à filosofia no seu processo formativo? Quais os seus anseios e perspectivas?

2. Objetivo

Temos por objetivo geral analisar como os jovens dão significado aos conhecimentos adquiridos no seu percurso formativo em relação a sua inserção no mundo do trabalho, da política e no universo da cultura. Destacamos como objetivos específicos: Conhecer o significado que os jovens do ensino médio atribuem ao saber filosófico para sua formação e, analisar a concepção dos jovens a respeito das mudanças na organização do ensino médio.

3. Metodologia

A abordagem qualitativa se apresenta como a opção metodológica que mais se adequa a apreensão do objeto da pesquisa, ao possibilitar trabalharmos "*com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.*" (MINAYO, 1996, p. 22)

A pesquisa bibliográfica constou de aprofundamento da problemática sobre juventude e do ensino de Filosofia no nível médio. Concomitantemente a análise dos documentos legais que definem os princípios e finalidades do ensino médio como a lei nº 13.415/2017 que reformula o ensino médio e a Base Nacional Curricular Comum – Etapa ensino médio.

A pesquisa de campo constou de visita a escola e realização de grupo focal com 04 (quatro) jovens de uma escola de ensino médio do Município do Crato. A escolha por trabalhar com grupo focal – GF se dá por compreendermos que essa técnica proveniente de entrevistas grupais nos permitirá, a partir da interação entre os sujeitos, reunir informações sobre as percepções, anseios e concepções dos jovens sobre seu processo formativo e o papel da Filosofia no ensino médio.

O Grupo Focal é uma técnica de investigação qualitativa utilizada por diversas disciplinas científicas e permite a coleta dos dados por meio de interações grupais com as discussões dos temas levados pelo pesquisador. No grupo o moderador tem a função de facilitar as discussões e deve dar ênfase as interinfluências da constituição de opiniões sobre o tema que foi definido (GONDIM, 2003). Os grupos focais são pequenos grupos, geralmente constituído por 6 a 10 pessoas que são orientadas por um mediador durante a discussão estabelecida. Essa quantidade de componentes pode variar de acordo com a proposta do pesquisador, mas não deve ser superlotado para não prejudicar o desempenho dos participantes e não comprometer o desenvolvimento da discussão, considerando que todos participantes precisam ter abertura para falar.

O processo de pesquisa com grupos focais deve ter clareza de propósito e todas as decisões de metodologia irão depender dos objetivos. Em termos éticos, é importante garantir a privacidade dos participantes considerando que será gravado em vídeo e a análise da gravação é fundamental.

4. Resultados

Com a intenção de conhecer a percepção dos jovens acerca do mito da caverna de Platão exibimos a animação da alegoria da caverna que está na abertura do filme “*Educação proibida*”. Na animação, além da narração do mito original de Platão, há flash de cenas da escola que são intercalados com a animação do mito. A discussão partiu da reflexão dos jovens com os seguintes questionamentos: o que representa a caverna da alegoria de Platão? Na sociedade que vivemos ainda existem cavernas? Quais são? Qual a relação da alegoria com a escola? Em suas intervenções os jovens declararam que a “caverna” representa tudo o que aprisiona os jovens, os preconceitos, a alienação, seus medos, nessa perspectiva afirmam que existem muitas cavernas na sociedade em que vivemos. Ressalvaram que a internet e as mídias podem ser uma forma de caverna, na medida em que apresentam para as pessoas informações limitadas e manipuladas e, se elas não procurarem saber se são verdadeiras podem se deixar envolver e enganar.

Um dos jovens associou a caverna à possibilidade dos alunos estarem muito acostumados com a aula apenas de uma maneira, sem muita diversificação no modo de aprender. Outro concordou com essa afirmação dando outra interpretação, disse que a filosofia era uma forma de libertação, a sala de aula seria a caverna e o professor seria aquele que quebra as correntes utilizando o conhecimento e que através dele levaria os alunos para fora da caverna. O professor quebra as correntes usando o conhecimento que é a luz, mas quando ele sai da caverna percebe outra realidade, entra em contato com outra perspectiva do mundo ao qual desconhecia. Na condição de prisioneiros os alunos precisam de ajuda para alcançar a liberdade e adquirir conhecimento e o professor é o mais indicado para essa tarefa.

A filosofia, na fala dos jovens, pode libertar das correntes que nos aprisionam a ignorância. É importante refletir e saber o que se está fazendo, o que deseja para o futuro e como pretende fazer para conseguir. Esta disciplina pode auxiliar em muitos momentos da vida. Um jovem relata ser possível existir cavernas dentro de nós e que podemos sair delas, basta que tenhamos a capacidade de perceber e de fazer uma avaliação de nós mesmos. Precisamos da filosofia para aprender a nos questionar e buscar respostas, ou mais perguntas, mas que a partir disso possamos nos conhecer e nos tornarmos capazes de sermos melhores e de mudar, não ficarmos acomodados e conformados.

5. Conclusão

Em nenhum momento os jovens apontaram a escola como um ambiente que aprisiona, considerando o tempo que passam nela, poderiam apresentar algum descontentamento, porém indicam estarem satisfeitos com a educação que recebem, ainda que relatem se sentirem cansados e sobrecarregados, afirmam que vale a pena.

Pudemos constatar na fala dos jovens muita resistência em relação ao que lhes parece complicado ou que não os atrai. Seja matemática, filosofia, história ou

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

física é necessário que haja uma maneira de envolver o jovem, de ajudá-lo a dar significado ao que está sendo abordado, para que consigam compreender como este ou aquele conhecimento pode contribuir para a sua formação, não apenas em termos profissionais, mas também pessoais. Para alguns pode ser mais simples relacionar alguns conteúdos de disciplinas diferentes, mas nem todos tem essa facilidade.

Os jovens percebem que existem relações entre disciplinas de áreas diversas, porém, a fragmentação dos conteúdos em disciplinas nem sempre oportuniza que estabeleçam interconexões entre esses saberes, atribuindo sentidos, vivenciando experiências investigativas e significativas.

6. Referências

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. (p. 64-89)

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Salvador, BA: Paideia, 2003. (p. 149-161)

KOHAN, Walter Omar. Políticas da filosofia na escola. In: ROLLA, Aline Bertilla Mafra; NETO, Antônio dos Santos; QUEIROZ, Ivo Pereira de (Org.). **Filosofia e Ensino: possibilidades e desafios**. Ijuí, RS: Unijuí, 2003. (p. 35-52) (Coleção filosofia e ensino; 4)

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PAVIANI, Jayme. O agir formativo do professor. In: KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALLI, Idalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Org.). **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008. p.21-35. (Coleção filosofia e ensino; 12)

SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. KOHAN, Walter Omar (Org.). **Ensino de filosofia: perspectivas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (p. 183-194)